

**OS JOVENS E A MENTIRA:
UM ESTUDO CENTRADO EM DIFERENTES MOMENTOS DO PERCURSO
ESCOLAR.**

Marina Filipa Correia Martins
Carolina Fernandes de Carvalho

Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa - Departamento de Educação.
marinafcmartins@gmail.com
cfcarvalho@fc.ul.pt

Resumo

Num momento em que, na nossa sociedade, se assiste continuamente a paradigmas verdadeiramente excepcionais de *verdade e mentira*, evidencia-se, dada a escassez de estudos relacionados, a necessidade de compreender e acompanhar a leitura que os mais novos fazem destas questões.

O trabalho agora apresentado tem como problemática geral, *As concepções que os jovens têm sobre a Mentira* e procura, através de uma metodologia qualitativa, responder ao seguinte problema de investigação: *Quais as concepções que os jovens têm acerca da Mentira, consoante o género e em diferentes momentos do seu percurso escolar?* Pretende-se, através da aplicação de entrevistas estruturadas a um conjunto de alunos de diferentes anos lectivos, clarificar a sua visão de *mentira*, perceber o papel que pais, escola e pares, têm nesta dinâmica e compreender de que forma esta pode ajudar a esclarecer a origem de determinados valores morais.

Os dados recolhidos, depois de analisados e confrontados com bibliografia relacionada, permitiram desenvolver conclusões interessantes, revelando assim a relevância do género e nível de escolaridade, na compreensão da problemática geral. Apesar de existirem situações em que as diferenças de género são notórias, é essencialmente no que diz respeito ao nível de escolaridade que se notam as diferenças mais pertinentes na concepção de *mentira*.

Introdução

O presente estudo, centrado na questão *Os Jovens e a Mentira*, faz parte de um trabalho mais amplo em fase de conclusão e tem como problemática geral *As concepções que os jovens (adolescentes e pré-adolescentes) têm acerca da Mentira, em diferentes momentos do seu percurso escolar*. Trata-se de um tema que, inserido na área da Formação Pessoal e Social, se afigura pertinente e interessante, uma vez que pode representar um ponto de partida no delinear de estratégias de intervenção escolar e social, no sentido de permitir que professores e pais, reconhecendo as diferentes concepções de mentira que encontram junto dos seus jovens de diferentes idades e/ou níveis de escolaridade, possam actuar de forma mais assertiva, de acordo com as características de cada indivíduo, grupo ou situação. Desta forma, contribuindo para uma educação mais pensada e focada no jovem, ter-se-á em vista um desenvolvimento pleno de

valores cívicos e éticos, onde, nas diversas situações do quotidiano, se poderá explorar e valorizar a possibilidade de optar pela verdade.

A questão da *Mentira* pode ainda, de forma oportuna, estabelecer uma curiosa relação com o leque de valores que os jovens, actualmente, adquirem através da sua relação com o mundo social. Numa sociedade, onde são diariamente apresentados ao mundo, novos casos nacionais e internacionais de temas relacionados com a questão da *Mentira* (como assaltos, raptos, corrupções, fraudes científicas, ou o próprio marketing que gere e envolve imagens e aspirações dos jovens, como os padrões de beleza atribuídos ao mundo da moda, os alimentos milagrosos associados à estética corporal, as substâncias ilícitas associadas aos desempenhos desportivos, o recurso a certos produtos relacionados com as terapias alternativas, etc.), urge a necessidade de conhecer a visão que os mais jovens retêm destas questões. Por outro lado, vivendo-se uma época em que os adolescentes têm cada vez mais acesso e oportunidade de conhecer as verdadeiras linhas orientadoras de uma sociedade global, torna-se relevante tentar compreender de que forma estes futuros cidadãos conscientes e activos da nossa sociedade, reconhecem e encaram o emprego da mentira nas mais diversas situações, que princípios lhes são transmitidos, ensinados ou valorizados pelas gerações antecessoras e que tipo de discurso moral e ético desenvolvem nesta fase de franca aprendizagem.

O estudo desenvolvido na presente comunicação contou com a participação de 6 adolescentes e pré-adolescentes, de ambos os géneros e frequentadores dos 7º, 9º e 12º anos de uma escola pública da região de Lisboa, cujos depoimentos se tornaram essenciais nesta busca a respostas sobre a questão de como encaram, vêm e vivem a *Mentira* no seu quotidiano.

A *Mentira* é uma ferramenta curiosa, enigmática e interessante, perigosa quando mal aplicada mas indiscutivelmente útil quando bem conseguida. Mente-se por diversos motivos: por medo, vergonha, esquecimento ou engano; para se obter o que de outra forma não se consegue; para surpreender ou proteger alguém; para não enfrentar as consequências da verdade; ou simplesmente por se tratar de um acto quase reflexo nas banalidades do quotidiano de cada um. Mente-se em diversas situações e a diferentes pessoas: amigos, familiares, colegas, conhecidos ou estranhos; Sobre nós, a nossa vida, o nosso trabalho, as nossas relações, o nosso universo e todos os outros que nele figuram. Mente-se de maneiras distintas: escondendo, enganando, fingindo, omitindo. Mente-se todos os dias. Por isto, por aquilo, por tudo e por nada. A *Mentira* faz parte da nossa vida enquanto peça fundamental da nossa personalidade, da nossa vivência, na nossa forma de nos relacionarmos com o mundo.

Enquanto adultos, empregamos a *Mentira* conscientes da sua força, da sua potencialidade e das suas prováveis consequências. Escolhemos usá-la, reconhecendo os riscos que lhe são inerentes

e assumimo-la constantemente na eterna busca da satisfação pessoal. Não obstante, ensinamos os mais jovens a não mentir, a escolher a verdade independentemente do carácter da situação. Mentimos ao induzi-los à própria verdade! Forçamos o desenhar de uma realidade que sabemos não ser de todo possível e mais grave, reprovamos junto deles o seu emprego, o seu recurso, a sua exploração.

Os jovens mentem porque aprendem com a sociedade a fazê-lo. De acordo com Manen e Levering (1996, p.181), mentir é uma acção aprendida, “um fenómeno adquirido e cultural”.

Numa realidade cultural como a nossa, onde a verdade, a franqueza e a justiça são valores tão importantes e considerados, mentir ou esconder a verdade torna-se uma manifestação condenável do ponto de vista ético e uma expressão moralmente reprovável e repreensível. Mentir é feio! No entanto é necessário por vezes, e até indispensável se a consequência da verdade chegar a ser mais devastadora para nós ou para alguém que amemos. Esta ambiguidade é igualmente captada pelos mais novos que cedo compreendem que a *Mentira*, apesar de indevida e condenável, é recorrente no discurso dos adultos que tão veementemente a criticam.

Torna-se por isto então importante no âmbito deste estudo, tentar compreender como a *Mentira* é encarada e usada por entre os mais novos, de que forma a lêem no seu sistema de códigos morais e que consequências concebem para quem ultrapassa os limites da tão valorizada verdade.

A adolescência é, por excelência, a fase da vida em que surgem, em maior número e complexidade, situações novas, inesperadas e por vezes de difícil resolução, não só para os principais e directamente envolvidos intervenientes, os jovens, mas também para as suas famílias. Situando-se aproximadamente, entre os 10 ou 11 e os 19 ou 20 anos de idade, a adolescência significa para a maioria dos indivíduos, um período de profundas modificações, tanto ao nível do desenvolvimento físico, com a modificação das formas do corpo devido ao aparecimento dos caracteres sexuais secundários, como em termos psicológicos e cognitivos, uma vez que a descoberta do sentimento de segurança e conforto nas sensações de liberdade e autonomia, levam à abertura de um vasto leque de possibilidades até então desconhecidos. O jovem descobre finalmente o mundo.

Surge normalmente nesta fase, a tendência para procurar pares semelhantes e grupos de identificação entre os, até então, colegas de turma. Poderá dizer-se que nesta fase nascem os genuínos primeiros laços de amizade. Estabelece-se para com o grupo, uma relação de plena confiança, concordância e identificação, passando os amigos a representar o principal padrão de referência na construção de valores.

Pela primeira vez a família é colocada em segundo plano e todas as normas, valores e regras por ela ditadas e, até então, aceites e indiscutíveis, são rapidamente arrumadas numa gaveta obscura,

nascendo assim uma tremenda satisfação na necessidade de negar e contrariar os comportamentos e atitudes considerados socialmente correctos.

Também ao nível da escola, junto dos professores e educadores, a adolescência é sentida e aguardada com alguma relutância, pois espera-se que nessa fase os alunos revelem, ao contrário do que até então demonstravam, uma desvalorização do lado afectivo e do interesse pela descoberta orientada, nascendo assim um forte sentimento de obrigação e desinteresse por parte do jovem para com a escola.

O adolescente passa a contestar, a discutir, a argumentar e a defender os seus ideais. É nesta fase que ele opta por recorrer aos valores que lhe foram inculcados no âmbito educativo, familiar ou escolar, como sejam a verdade, a justiça, e a igualdade ou, pelo contrário, é quando ele os questiona e distorce, procurando na sua negação e deturpação o passaporte de inclusão num grupo de semelhantes que o aceite e compreenda como igual.

O desenvolvimento moral e social na adolescência são temas frequentemente esquadrihados em trabalhos realizados nas áreas da educação, psicologia e desenvolvimento humano, profundamente debatidos entre os especialistas da matéria e magnificamente apresentados nas marcantes obras deixadas por nomes como *Lawrence Kohlberg*, *Jean Piaget* e *Erik Erikson*.

É sobretudo com base no legado literário por estes autores deixado, que se sustenta e desenvolve a investigação aqui apresentada. Também outros trabalhos recentes e mais directamente relacionados com o tema da *Mentira*, nomeadamente a tese de doutoramento apresentada por *Vivar* (2002), intitulada “La mentira infantil: diagnóstico e intervención psicopedagógica” e a dissertação de mestrado de *Martins* (2007), denominada “As crianças e as mentiras: um estudo no 2º ciclo do ensino básico”, contribuíram fortemente para o fundamento do presente estudo.

A *Mentira* enquanto recurso de discursos, acções e comportamentos, procura aqui ser avaliada do ponto de vista ético e enquadrada no desenvolvimento moral e social dos jovens, pretendendo-se desta forma, situá-la no quadro de valores (i)morais da nossa sociedade e compreender a sua relevância no quotidiano de cada um.

É nos valores embrionários da coexistência de vida humana, como a verdade, a justiça ou a igualdade, que se reflecte a plenitude de toda uma sociedade. Estes dogmas, variáveis e assumidamente distintos nas mais diversas culturas, são para a nossa realidade, o esqueleto do quadro moral de cada indivíduo e representam o modo como estes vivem e experimentam o mundo. “...Quaisquer que sejam os valores que uma pessoa adquira, estes devem funcionar tão eficazmente quanto possível para que essa pessoa se relacione de maneira inteligente e satisfatória com o seu mundo interior e exterior” (Raths, Merrill & Sidney, citado em Valente, 2002, p.47). Foi com fundamento neste pressuposto que a ideia do problema de investigação

surgiu. Compreendendo aquilo que cada indivíduo entende por valor, a importância que lhe dá e a repercussão que tal pode vir a ter na sua vida, delinea-se o modo como cada um se relaciona com o mundo.

Assim, enquadrado no cerne do tema *Os Jovens e a Mentira*, o problema de investigação do presente estudo - *Quais as concepções que os jovens (adolescentes e pré-adolescentes) têm acerca da Mentira, consoante o género e em diferentes momentos do seu percurso escolar?* - procura junto dos jovens e através de uma metodologia de carácter quantitativo, compreender as seguintes questões, relativas às concepções de mentira: *O que é a Mentira?; Sobre o que se mente?; Que consequências têm as Mentiras para mim e para os outros?; A quem se mente?; Quando se mente; Porque se mente?.*

Para além disto, pretende-se verificar também, se há diferenças nessas concepções consoante o nível escolar que os jovens inquiridos frequentam (os quais idealmente corresponderão a diferentes etapas no seu processo de desenvolvimento moral e social), assim como se existem diferenças significativas dessas mesmas concepções, mas de acordo com o género, ou seja, entre rapazes e raparigas.

Metodologia

A metodologia qualitativa, abordagem utilizada na presente investigação, através do desenvolvimento e aplicação de entrevistas estruturadas, permitiu um aprofundamento das questões em estudo.

O estudo desenvolveu-se numa escola pública no Concelho do Seixal, Distrito de Setúbal, região de Lisboa, a qual funciona actualmente num sistema de dois turnos, acolhendo um total de 1153 alunos de níveis socio-económicos, etnias, línguas e culturas, muito diversos, distribuídos por oito turmas do Ensino Básico (três turmas no 7º ano, duas turmas no 8º e três turmas no 9º) e trinta e nove turmas do Ensino Secundário (duas turmas de CEF, treze turmas no 10º ano, doze turmas no 11º, e treze no 12º). Conta actualmente com 123 Professores, 3 técnicos especializados, 34 auxiliares de acção educativa e ainda 8 técnicos integrados.

Os participantes, depois de devidamente autorizados pelos respectivos encarregados de educação para a sua colaboração nesta investigação, aceitaram submeter-se às entrevistas que lhes foram apresentadas, tendo os próprios tomado conhecimento directamente através da investigadora, tanto do objectivo e finalidades das mesmos, como da importância da sua colaboração para o avanço do conhecimento na investigação na área da educação.

Foram seleccionados seis participantes: dois a frequentarem o 7º ano de escolaridade, um rapaz e uma rapariga, ambos com doze anos de idade; dois a frequentarem o 9º ano de escolaridade, igualmente um rapaz e uma rapariga, ambos de catorze anos de idade; e outros dois, a frequentarem o 12º ano de escolaridade, também um rapaz e uma rapariga, ambos com dezassete anos de idade.

Partindo da aplicação de entrevistas que, através de questões abertas, procuraram dar espaço e oportunidade para que os participantes opinassem e justificassem determinadas posições, procurou compreender-se as suas concepções de *Mentira*, através de questões gerais como, “*O que é a Mentira?*”; “*Sobre o que se mente?*”; “*Que consequências têm as mentiras para quem mente?*”; “*A quem se mente?*” e “*Quando e Porque se mente?*”.

Através deste instrumento foi possível a obtenção de outro tipo de informações para além das que são descritas em cada questão apresentada, tal como expressões faciais, tons de voz, comportamentos, atitudes, desabafos e outros indicadores que se revelam fundamentais no processo de interpretação da informação recolhida.

De forma a distinguir as respostas obtidas nas entrevistas no momento de análise de dados, determinou-se *a priori* que os participantes do género feminino tomariam a designação de “X”, e os participantes masculinos “Y”, seguidos dos números 7, 9 ou 12, consoante o nível escolar em que se enquadram. (Desta forma quando, por exemplo, se apresenta a nomeação “X7”, pretende-se referir um participante do género feminino, frequentador do 7º ano de escolaridade). Seleccionaram-se assim, dois participantes de géneros diferentes (uma rapariga “X” e um rapaz “Y”) em cada um dos três níveis escolares considerados (7º ano, 9º ano e 12ºano:), perfazendo um total de seis participantes (“X7”; “Y7”; “X9”; “Y9”; “X12”; “Y12”).

A aplicação das entrevistas desenvolveu-se em duas manhãs consecutivas da última semana de aulas do 1º período do ano lectivo de 2008/2009, sendo que cada uma delas teve a duração aproximada de quarenta e cinco minutos, tendo todas sido gravadas em formato áudio, de forma a facilitar a posterior análise de dados. Todas as questões, previamente formuladas, foram igualmente aplicadas a todos os entrevistados, seguindo uma ordem especificamente definida.

No final de cada uma das entrevistas a entrevistadora verificou que a gravação áudio estava completa e que tinha sido bem sucedida e preencheu no guião, algumas notas que lhe pareceram relevantes do decurso da mesma.

Os dados obtidos durante a aplicação das entrevistas foram transcritos e, da sua análise detalhada resultaram um conjunto de inferências que permitiram ao investigador, compreender de uma forma generalizada, os objectivos da investigação.

Na análise dos dados recorreu-se ao método de análise de conteúdo, através do qual se procurou categorizar as construções ideológicas presentes em cada uma das respostas, sendo possível desta forma analisá-las mais objectivamente, encontrando padrões de semelhança e diferença de acordo com o género e os níveis escolares considerados.

Apresentação de Resultados

Após uma análise detalhada dos dados recolhidos através das entrevistas, foi possível desenvolver um conjunto de codificações resultantes das regularidades e padrões presentes nos dados e assim encontrar as categorias de codificação, que permitem organizar e classificar os dados recolhidos. Desta forma, apresenta-se de seguida, no Quadro I, o conjunto de categorias consideradas:

Quadro I –
Concepções gerais de Mentira que os jovens considerados no estudo,
relataram durante a aplicação das entrevistas estruturadas.

Concepções gerais de <i>Mentira</i>
I – Definição de <i>Mentira</i> <i>“O que é a Mentira?”</i>
<ul style="list-style-type: none">- Todos, independentemente do género e nível escolar, consideram que mentir é ocultar ou distorcer a verdade.- No que diz respeito a ser um acto voluntário ou involuntário, os entrevistados do 7ºano, independentemente do género, acham que só mentimos se quisermos, enquanto que os dos 9º e 12º anos, independentemente do género, consideram que mentir é algo que faz parte da vida.- No que diz respeito à gravidade das mentiras, os alunos que frequentam os 7º e 9º anos consideram que uma mentira grave é “esconder” ou “inventar” algo, enquanto que os do 12º consideram que a mentira é grave se tiver consequências graves para outras pessoas. Já uma mentira pouco grave é aquela que, para os do 7º e 9º anos, não tem grande importância enquanto que para os do 12º, será pouco grave se dela não resultarem consequências para outros. Os alunos do 12º consideram que as mentiras pouco graves podem ser utilizadas para evitar magoar outras pessoas.- Todos, independentemente da idade e do género, consideram que mentir e omitir são a mesma coisa, pois conhecer e não assumir a verdade é tão grave quanto distorcê-la.- Os alunos do 7º ano consideram inequivocamente que mentir é mau, pois não se deve nunca mentir. Os do 9º e 12º, por sua vez, consideram que mentir pode ser bom, pois pode dar muito jeito em determinadas situações.- Todos acham que mentir é um defeito porque é algo que não se deve, em geral, fazer.- Quanto à questão de quem mente mais, as raparigas, independentemente das idades, consideram que os adolescentes mentem mais. Já os rapazes, independentemente da idade, consideram que são os adultos que mentem mais.- Os alunos do 7º consideram que é mais grave serem os adolescentes a mentir, pois pode envolver assuntos graves que são escondidos dos pais. Os alunos do 9º e 12º consideram mais grave a mentira de um adulto, pois sendo mais velho e responsável deveria dar o exemplo.
II– Conteúdos da <i>Mentira</i> <i>“Sobre o que se mente?”</i>
<ul style="list-style-type: none">- Quando confrontados sobre os assuntos que levam os jovens da sua idade e mentir, as raparigas referem sobretudo questões relacionadas com os seus vícios e intimidades, já os rapazes referem os seus feitos e conquistas.- Todos, independentemente do género e do nível escolar referem que a vida familiar e as notas escolares

são assuntos que raramente levam à mentira.

- Quando confrontados sobre os assuntos que levam os jovens da sua idade a mentir especificamente aos pais, as raparigas os seus vícios, sexualidade e intimidades, já os rapazes referem em primeira prioridade, as notas escolares.

- Quando confrontados sobre os assuntos que levam os jovens da sua idade a mentir especificamente aos professores, quase todos apontam assuntos relacionados com a escola, como esquecimento de trabalhos ou notas obtidas anteriormente.

- Quando confrontados sobre os assuntos que levam os jovens da sua idade a mentir especificamente aos colegas e amigos, quase todos, independentemente do género ou do nível escolar, referem assuntos familiares e outros relacionados com o seu quotidiano.

III – Consequências da *Mentira*

“Que consequências têm as mentiras para quem mente?”

- No que diz respeito às possíveis consequências das mentiras, os mais jovens, do 7º ano, referem que a consequência mais grave é o castigo (ficar sem intervalos; baterem-lhes; impedirem-nos de fazer o que gostam). Já os do 9º ano, consideram que o mais grave é perderem as suas amizades, enquanto que os mais velhos, do 12º, revelam que o mais grave é serem desacreditados, que outros percam a sua confiança e os remorsos que poderão vir a ter.

IV– Alvos da *Mentira*

“A quem se mente?”

- Independentemente do género e do nível escolar, todos acham que os jovens mentem sobretudo aos pais.

- Independentemente das mesmas variáveis, no geral apontam os irmãos e os amigos como sendo as pessoas a quem os jovens menos mentem.

- Quando confrontados com a possibilidade de terem de admitir uma situação pouco agradável, os rapazes elegem a mãe como a pessoa em quem mais confiam e que melhor os compreenderia, enquanto que as raparigas referem diversos elementos familiares próximos.

- Quando confrontados com a possibilidade de terem de admitir uma situação pouco agradável, todos referem o pai como sendo a pessoa em quem menos confiariam e justificam-se com o facto de não o quererem desiludir.

- Quando confrontados com a possibilidade de terem de revelar um segredo a alguém, todos, independentemente das variáveis consideradas, referem os irmãos e os melhores amigos como sendo aqueles em quem mais confiam.

V – Situações e Motivos que levam à *Mentira*

“Quando e Porque se mente?”

- Quando confrontados sobre os motivos que levam os jovens da sua idade a mentir, as raparigas referem o medo, esquecimento e vergonha e os rapazes do 7º referem o medo do castigo enquanto que os mais velhos, do 9º e 12º, dizem que é porque querem ser aceites no grupo.

- Quando confrontados sobre as situações que levam os jovens da sua idade a mentir, a maioria, independentemente do género e do nível escolar, refere que mentem sobretudo quando querem esconder algo.

- Quando confrontados sobre os motivos que levam os jovens da sua idade a mentir especificamente aos pais, todos referem o medo e a vergonha.

- Quando confrontados sobre os motivos que levam os jovens da sua idade a mentir especificamente aos professores, todos referem o esquecimento de trabalhos e de deveres e a vergonha de assumirem as falhas.

- Quando confrontados sobre os motivos que levam os jovens da sua idade a mentir especificamente aos colegas e amigos, todos revelam que têm vergonha de contar aos outros os seus problemas porque se sentem gozados por eles.

Discussão de Resultados

Perante a análise dos dados obtidos a partir das entrevistas, os quais deram origem à informação sumária apresentada no *Quadro I*, foi possível delinear uma série de constatações gerais, seguidamente apresentadas sob a forma de alíneas.

a) **Verifica-se a existência de diferenças na concepção de Mentira de acordo com o nível escolar, sobretudo relacionadas com os seguintes aspectos:**

- A capacidade de Centrar/Descentrar do “Eu”

Os alunos mais velhos, sobretudo os rapazes, têm a capacidade de descentrar a atenção sobre si próprio e demonstram preocupação com a existência de outras pessoas envolvidas nas consequências dos seus actos, acção típica do início do pensamento formal, desenvolvendo-se a capacidade de abstracção e distinção entre o “eu” e o resto do mundo. Os mais jovens, por sua vez, estão mais centrados em si, no seu mundo, referindo frequentemente o medo de serem castigados e impedidos de fazerem as coisas que gostam.

- A voluntariedade da *Mentira*

A experiência de vida dos mais velhos permite-lhes exteriorizar que a *Mentira* é inerente à condição humana e que por vezes, mesmo involuntariamente ou contrariados, acabamos todos por mentir. Os mais novos, por sua vez, acham que a *Mentira* é um acto voluntário e que cada pessoa só o faz se assim o entender.

- A utilidade da *Mentira*

Os mais velhos reconhecem que apesar de não ser correcto mentir, a *Mentira* pode muitas vezes ser útil em defesa dos seus interesses. Os mais novos acham que independentemente do contexto, mentir é sempre uma acção incorrecta e desaprovada.

- As consequências da *Mentira*

Os mais novos, do 7ºano temem sobretudo como consequências da *Mentira*, o castigo e a punição. Os alunos do 9º ano, por sua vez, referem que a consequência pior seria perderem as suas amizades. Já os mais velhos, do 12º ano, receiam a perda de sentimentos como a confiança e a credibilidade entre eles e a sociedade.

- *Os motivos que levam à Mentira*

Verifica-se a tendência dos mais novos a actuarem de acordo com o medo da punição e os mais velhos com a necessidade de serem integrados num grupo de pares.

b) Verificam-se determinados indícios que talvez possam induzir à existência de diferenças na concepção de Mentira, de acordo com o género, sobretudo relacionadas com os seguintes aspectos:

- Os assuntos sobre os quais os jovens mentem

As raparigas tendem a mentir mais sobre os seus vícios e a sua intimidade enquanto que os rapazes mentem mais sobre os seus feitos e conquistas.

- A pessoa em quem mais confiam

Os rapazes revelam maior confiança e apego às mães, relativamente às raparigas.

c) Independentemente do género e do níveis escolares considerados, consideram-se relevantes os seguintes aspectos:

- Todos os inquiridos, nas mais diversas situações, admitirem que é sobretudo aos “Pais” que os jovens da sua idade mais mentem;

- Todos os inquiridos, nas mais diversas situações, admitirem que é sobretudo aos “Irmãos” e “Amigos” que os jovens da sua idade menos mentem;

- Os principais motivos que levam os jovens a mentir são, na generalidade, o medo de ser castigados e a vergonha de ver tornados públicos os seus erros;

- A principal situação que leva os jovens a mentir acontece quando estes querem esconder algo;

- Os principais assuntos que, na generalidade levam os jovens a mentir são as suas notas escolares, a sua intimidade e os seus vícios.

- A maioria dos inquiridos, refere que em caso de ter de admitir uma situação pouco agradável, a opção “Pai” é a menos escolhida, devido sobretudo ao facto de temer o castigo e a punição e de não querer desiludir o orgulho e as expectativas do mesmo.

d) Importa ainda salientar os seguintes aspectos relativos ao desenvolvimento e aplicação das entrevistas:

- Todos os entrevistados, independentemente do nível de escolaridade ou género, apresentaram grandes dificuldades em responder às questões relativas ao que pessoas, de outra faixa etária (adultos ou crianças mais novas), fariam ou diriam em determinada situação. Para além de revelarem dificuldade durante a resposta (nos casos em que houve resposta!) foi, pelos mesmos, indicado no final da entrevista (numa fase em que se procurou reflectir conjuntamente sobre a validade e pertinência deste instrumento para aplicação futura a outros alunos) a dificuldade em se colocarem na posição de outros, ou porque já não se lembram de como era ou, porque nunca estiveram ainda nessa situação.

- Todos os entrevistados revelaram maior à vontade, cumplicidade e envolvimento nas questões e no diálogo, quando se estabeleceu a forma de tratamento da 2ª pessoa do singular (“sabias que...”, “fazias ideia...”, “podes indicar-me...”), relativamente à forma de tratamento inicialmente abordada, no início de cada entrevista (“sabia que...”, “fazia ideia...”, “pode indicar-me...”), facto que pode assim, ser revisto de forma a influenciar a predisposição dos inquiridos em situações futuras.
- Os entrevistados mais velhos, frequentadores do 12º ano de escolaridade, responderam voluntária e inconscientemente ao questionário enquanto adultos e não como adolescentes, como esperava o entrevistador, facto que foi notado em diversas ocasiões, quando empregavam as palavras “eles” e “nós” em questões relacionadas com os “adolescentes” ou com os “adultos”, respectivamente.

Conclusões

Após uma análise cuidada e reflectida dos resultados obtidos na investigação decorrente, torna-se possível concluir acerca dos mesmos, e procurar estabelecer pontes entre os seus significados e a relação escola-família que actualmente se verifica em Portugal.

Partindo dos resultados obtidos, pensa-se ser possível concluir que existem, efectivamente, diferenças nas concepções de mentira de entre os diferentes níveis escolares considerados. Este facto, não sendo de todo uma surpresa (uma vez que, de acordo com os estudos de *Kohlberg* relativos ao desenvolvimento moral, apresentados por *Sprinthall* e *Collins* (2003, p.243-253), se esperava de antemão que a diferentes níveis escolares correspondessem, na sua maioria, diferentes faixas etárias e, conseqüentemente, diferentes realidades de desenvolvimento moral), veio contudo confirmar que a *Mentira*, enquanto ferramenta de uso diária nos discursos e acções humanas, se demarca indubitavelmente do plano de operações morais, aceites e valorizados na nossa sociedade. A clara noção apresentada por qualquer um dos participantes, independentemente da sua idade, de que a *Mentira*, embora por vezes utilizada e empregue para proveito próprio, é socialmente condenável e desconsiderada do ponto de vista ético, reafirma o lugar depreciativo que essa acção toma no quadro social de valores morais.

No que diz respeito às diferenças de género nas concepções gerais de *Mentira*, e apesar da interessante ideia apresentada por *Gurian* (2001) de que rapazes e raparigas pensam de formas distintas face aos mesmos contextos e situações, não foi possível estabelecer uma relação sólida sobre esta questão, já que apenas com base nos pequenos indícios verificados nos dados obtidos, não se encontrou segurança para afirmar a existência de tal facto. Considera-se, no entanto, que

se aplicada a uma amostra mais significativa, talvez esta questão venha a revelar resultados mais concordantes e harmónicos com as expectativas iniciais.

No que diz respeito à opinião dos adolescentes entrevistados, sobre o relacionamento entre os jovens e os respectivos pais, nomeadamente em assuntos que envolvam a *Mentira*, constata-se que são todos eles, independentemente do género e idade, consensuais na admissão de que os pais são os principais alvos de mentira dos filhos. De um modo geral, os jovens mentem aos pais sobretudo por *medo* de serem castigados e por *vergonha* de assumirem os próprios actos e referem ainda, como principais assuntos que os levam a mentir aos pais, os vícios, sexualidade e intimidades (no caso das raparigas) e assuntos relacionados com as notas escolares (no caso dos rapazes). Estes dados, de um certo ponto de vista desconcertantes, remetem-nos a reflectir sobre a influência da família no desenvolvimento não só físico, como também social e moral dos seus filhos, no estatuto que as figuras do “Pai” e da “Mãe” desempenham ainda hoje no seio familiar e no tipo de relação pais-filhos que se vive entre paredes, numa família portuguesa actual.

Pode concluir-se, de um modo muito breve, que apesar da evolução que a família tem vindo a sofrer ao longo das últimas décadas, com a entrada da mulher no mundo do trabalho (que forçosamente determina uma “mãe” fisicamente mais ausente do lar) e com uma aproximação gradual e participação mais activa do homem-“Pai” no crescimento e desenvolvimento das crianças, o resultado final, do ponto de vista da criança, é um desenvolvimento mais autónomo e independente do meio familiar, mas não necessariamente mais completo ou melhor. Verifica-se que o papel social do “Pai” na família, continua a ser distante das necessidades básicas de confiança e cumplicidade que os filhos esperam dessa figura, nas diferentes etapas do seu desenvolvimento; Constata-se que assuntos como a sexualidade e a intimidade dos jovens, nomeadamente das raparigas, continuam ainda a não ser discutidos nem abordados em casa, num ambiente saudável de partilha de experiências entre Pais e filhos; Conclui-se, por fim, que de acordo com as opiniões relatadas pelos participantes, a harmonia familiar expectável e idílica para os tempos actuais, continua ainda longe de se tornar realidade.

No que diz respeito à relação que os alunos mantêm com os Professores em ambiente escolar, verifica-se que os jovens recorrem à *Mentira*, sobretudo em relação a deveres incumpridos, como trabalhos de casa não realizados, faltas injustificadas, ou notas escolares obtidas noutras disciplinas ou em situações anteriores. São consensuais, independentemente do género e dos níveis escolares considerados, os motivos que levam os jovens a mentirem especificamente aos professores: puro *esquecimento* e *vergonha* de assumir falhas e dificuldades. Tais dados remetem para uma curta reflexão sobre o papel do aluno no contexto escolar actual assim como relativamente à pressão que sobre estes é exercida diariamente, tanto em casa como na escola.

Os jovens, hoje em dia, vivem o seu quotidiano numa azáfama constante, procurando estruturar as suas tarefas diárias de forma a estar às horas devidas, à porta de uma sala de aula. Por entre pequenos intervalos ocasionais, acumulam-se ao longo do dia nos seus cadernos, agendas e cadernetas, trabalhos de casa, trabalhos de grupo, reuniões com pais e com professores, materiais excepcionais, actividades extracurriculares, e outras actividades de carácter mais pessoal. Chegam a casa, muitas vezes já tarde e mal têm tempo de ver e estar com os pais e irmãos. Nas horas que se contam até ao jantar e ao deitar, acabam por sucumbir ao cansaço de um dia de aulas, apontamentos e trabalhos e acabam, muitas vezes, por esquecer ou ignorar os deveres escolares para o dia seguinte. Quando chegam novamente à escola têm duas opções: ou assumem que falharam e são castigados por isso, ou optam por mentir, na esperança de não terem de admitir que, por motivos vários, o dia não chega para fazer tudo o que se quer e deseja. Não seremos, enquanto pais e educadores, de certo modo cúmplices no incumprimento de algumas das tarefas escolares dos nossos filhos ou alunos, ao exigir deles e do seu tempo mais do que podem dar? Não estaremos a facilitar-lhes demasiado o caminho até à *Mentira*, quando lhes barramos o direito à vontade e tempo próprios?!

Os amigos são, como se sabe, nesta fase, a tábua de salvação dos adolescentes. Neles confiam os seus maiores segredos, partilham sonhos e ambições, procuram novos padrões de referência na construção dos seus próprios valores e buscam a compreensão que por vezes falha, tanto na escola como em casa. Aos amigos, por regra os jovens não mentem, excepto se o assunto envolver a família ou o seu quotidiano e se o fazem, como referem, é por *medo* e *vergonha* de serem gozados e/ou afastados do seu grupo.

Cabe-nos a nós, enquanto adultos, pais ou educadores, questionar as razões que estão por trás deste *medo* e *vergonha* de assumir a sua vida privada familiar. Tratar-se-á apenas da normal rejeição dos adolescentes por todas as normas, valores e regras até então aceites e indiscutíveis, ou haverá para além dessa fase complicada que atravessam, outros motivos relacionados, por exemplo, com confrontos ideológicos e exigências parentais de tal ponto desconfortáveis, que acabam por se revelar para os jovens, num verdadeiro motivo para quererem esconder e omitir o que se passa em casa?

Para concluir, pode afirmar-se que uma coligação mais forte e ponderada entre a Escola a Família, poderiam contribuir para diminuir o número e o tipo de situações que levam os jovens a recorrer à *Mentira*, como a outras “tentações” tão presentes na nossa sociedade, e ajudá-los a encontrar um equilíbrio satisfatório no conjunto de valores morais que escolhem e determinam como seus.

Podemos constatar a partir dos resultados obtidos, que os principais motivos e situações que levam à *Mentira* por parte dos jovens, são afinal assuntos como a sua *sexualidade* ou as *notas*

escolares que, com toda a complexidade que representam para os próprios jovens, deveriam ser tratados e respeitados de outro modo por parte dos pais e educadores que os acompanham. Verificamos que o *medo* da punição e a *vergonha* de admitir publicamente os seus problemas, dúvidas e anseios acabam por atirar estes jovens para um turbilhão de sentimentos de culpa, onde se auto-condenam e reprovam, acabando por optar pela *Mentira*, algo que reconhecem como imoral, impróprio e condenável do ponto de vista social, em detrimento da verdade, cuja complexidade e consequências, por vezes acabam por não justificá-la. Seremos então nós, adultos, nos nossos actos por vezes inconsequentes e precipitados, os principais responsáveis por esse *medo* e *vergonha* que os nossos jovens calam com a *Mentira*? Não deverá ser preocupação nossa, enquanto adultos, evitar colocar os jovens em situações fronteiriça como estas, em que acabam por escolher um caminho doloroso e arriscado, por ser, apesar de tudo, mais fácil do que assumir as consequências da própria verdade?

Adivinha-se urgente o desenhar de uma comunidade educativa mais forte e participativa, onde pais e professores se envolvam a fundo na formação dos jovens, através de reuniões e encontros, mais frequentes e menos formais, onde eles próprios possam estabelecer laços entre si, que viessem privilegiar a relação Escola-Família, sem nunca esquecer o seu elo de ligação, as crianças. Deverá partir da escola, um esforço acrescido no sentido de se unir à família e de trabalhar em parceria com os pais, na formação e desenvolvimento pessoal e social dos jovens. *Hoover-Dempsey e Sandler* (1997, p.3-42) defendem a existência de três principais motivos que condicionam a tomada de decisão dos pais/encarregados de educação, a envolver-se na educação dos seus filhos: As representações que os pais têm acerca do seu papel na educação dos seus filhos; O sentido de eficiência que os pais têm acerca da sua participação, no sucesso escolar dos filhos; As solicitações e convites, por parte da escola ou dos próprios filhos, no sentido de envolver os pais nas diferentes actividades escolares. É sobretudo na terceira razão apontada que a escola poderia intervir a actuar mais activamente, solicitando e trazendo os pais para dentro da sala de aula para que, em conjunto, pudessem delinear melhores estratégias de formação e desenvolver de uma forma sólida e madura junto dos mais jovens, o conjunto de noções morais e éticas que praticam e desejam ver reproduzidas. Por fim, conclui-se, ainda segundo *Hoover-Dempsey e Sandler* (1997, p.31), que pais que já dificilmente reconheçam a importância do seu papel na educação dos filhos, que possuam uma fraca eficiência no apoio que dão aos filhos e que ainda por cima não recebam quaisquer solicitações à sua participação, muito dificilmente se envolverão a fundo, na sua educação.

Referências Bibliográficas

- Anderson, G. & Arsenault, N. (1998). *Fundamentals of educational research* (2ªed.). Londres: RoutledgeFalmer.
- Gurian, M. (2001). *Boys and girls learn differently!*. São Francisco: Jossey-Bass.
- Hoover-Dempsey, K., Sandler, H. (1997). Why do parents become involved in their children's education?. *Review of Educational Research*, 1, 3-42.
- Manen, M. & Levering, B. (1996). *O segredo na infância: intimidade, privacidade e o self reconsiderado*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Martins, D. (2007). *As crianças e as mentiras: um estudo no 2º ciclo do ensino básico*. Tese de mestrado inédita. Lisboa: Universidade de Lisboa, Departamento de Educação da Faculdade de Ciências.
- Mertens, D. M. (1998). *Research methods in education and psychology: Integrating diversity with quantitative & qualitative approaches* (1.ª ed.). Thousand Oaks: Sage Publications.
- Sprinthall, N. A. & Collins, W.A. (2003). *Psicologia do adolescente: uma abordagem desenvolvimentista* (3ªed.) (C. M. Coimbra Vieira, Trad.) Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian (Trabalho original em inglês publicado em 1988.)
- Vivar, D. M. (2002). *La mentira infantil: diagnóstico e intervención psicopedagógica*. Tese de doutoramento inédita. Málaga: Universidad de Málaga, Departamento de Métodos de Investigación e Innovación Educativa.
- Valente, M. O. (2002). *A escola e a educação para os valores – antologia de textos* (3ª ed). Lisboa: Centro de Investigação em Educação da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa.